# SALTAR É PRECISO: PEQUENA COLEÇÃO DE IMAGENS E PENSAMENTOS, PORTO DA BARRA, SALVADOR

RAFAELA LINO IZELI

*Arquiteta e Urbanista, doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano*

*O índice histórico das imagens diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. [...] Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente histórias, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura (Benjamin, 2018, p. 768 [N 3,1]).*

*Saltar é preciso, viver não é preciso (João Rodrigo Mattos, 2013).*

É preciso salientar de antemão que os fragmentos de imagens e pensamentos que aproximamos neste texto não são, de forma alguma, derivados de um mergulho em extensos e densos arquivos. São tateadas, às vezes despretensiosas, mas não aleatórias, bastante fugidias, tanto quanto inseguras, mas insistentes. Partem de uma aproximação ao Museu Tempostal de Salvador, ou " Templo dos Postais": um museu com um acervo de 50 mil imagens e postais antigos, na sua maioria doados por Antônio Marcelino do Nascimento (1929 - 2006), sergipano, que chega à Bahia em 1947 e que, segundo Ventura (2014, p. 255), era um "[...] colecionador eclético, juntando, em uma mala, além de objetos pessoais, santinhos recebidos como prêmio nas lições de catecismo, biscuits, recortes de jornais e livros ilustrados, estampas do sabonete Eucalol, objeto de fascínio entre os jovens da época."

Em uma primeira visita ao Museu, dos poucos cartões-postais e imagens antigas do território de interesse da pesquisa de nosso doutorado em desenvolvimento, a orla da Barra, Salvador, foram selecionados 25 deles. A seleção se deu pelo interesse nos cartões que, além da monumentalidade dos fortes presentes na orla, registrassem práticas. Dentre eles, era predominante a quantidade de imagens que enquadrava o Farol da Barra em detrimento ao Porto ou qualquer outra paisagem do trecho em questão. Do todo, apenas 5 retratavam, de fato, a praia do Porto da Barra. Escolhemos, portanto, falar a partir deles, talvez buscando compreender o espaço e o tempo justamente por aqueles fragmentos que de alguma forma são os menos privilegiados. Não nos detemos apenas aos postais e, por isso, consideramos esse trabalho mais sobre uma "coleção" do que sobre um "arquivo". Acumulamos relatos, notícias de jornais, imagens e imaginações outras que encontraram nestes postais o fio da meada para a construção de uma montagem mais ampla. Nesse sentido, trata-se aqui de um texto que apresenta mais o fazer imaginativo de um processo de pesquisa que parte de um arquivo público e constrói uma coleção própria, nos permitindo saltar do presente ao passado e desenhar uma dentre várias narrativas possíveis.

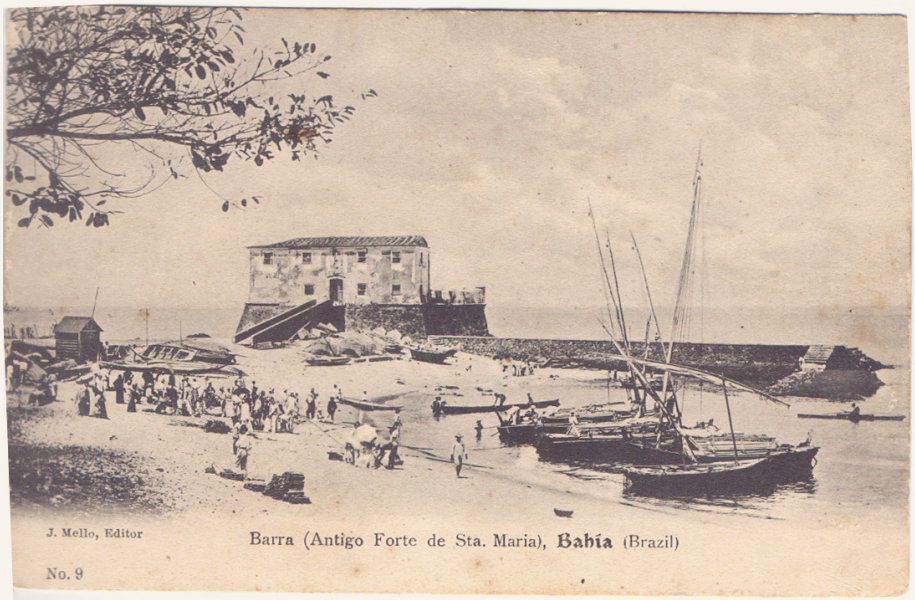
O cartão mais antigo desta pequena coleção de 5 imagens do Porto, data do início do século XX. 1912 é o ano de envio da assinatura que consta em

seu anverso. Com a Igreja de Santo Antônio da Barra e o Forte de São Diogo (1629) ao fundo, o bilhete postal de número 43 de edição da gráfica *Liyho--Typ*. Almeida, retrata em primeiro plano algumas embarcações ancoradas no mar e outras aparentemente sendo reformadas na areia. Ao fundo também é possível perceber um pequeno conjunto de construção de casas diretamente defronte à praia. Não parece haver ninguém deitado sobre a areia, tampouco alguém se banhando por lazer. As poucas pessoas que fazem parte do recorte concentram-se nos reparos e ofícios relacionados aos barcos.

Sabemos que no início do século XX, a Barra era um bairro de veraneio com pouco acesso ao centro ou à parte alta da cidade. A construção da avenida Sete de Setembro, se deu somente em 1915 na gestão de José Joaquim Seabra (1912 - 1916) - considerado o ícone da modernização de Salvador - ligando desde a Praça Castro Alves até o largo do Farol da Barra. Conforme nos afirma Pessôa (2017), o projeto de Jerônimo Teixeira para a avenida, com desenho elaborado pela Companhia de Melhoramentos da Bahia, datado de 1912, alargou e retificou os antigos trajetos à "régua e esquadro", desapropriando centenas de casas e demolindo inclusive construções históricas relevantes. Somente a partir de então, a consolidação do sistema viário teria permitido uma maior mobilidade de frequentadores e moradores na Barra, assim como a abertura de novas vias e novos loteamentos, alterando definitivamente a paisagem e os usos locais.

É neste momento também que a balaustrada, que divide a rua da areia e marca visualmente a paisagem do Porto da Barra, foi construída. O projeto das muralhas de contenção e escadas, do engenheiro Pessôa de Barros, de 1879, junto às obras de construção das avenidas foram os responsáveis pela completa mudança da " Vila Velha" ou antigo "Povoado do Pereira". O renque de casas que aparece ao fundo da imagem do cartão-postal é o local exato onde historiadores defendem ter sido instalada a primeira ocupação de colonização portuguesa na Bahia. Uma expedição comandada por Gonçalo Coelho teria chegado à Baía de Todos os Santos em 1501 e fincado um marco de pedra numa ponta rochosa, a Ponta do Padrão, onde atualmente se encontra o Farol da Barra. Anos mais tarde, em 1536, com a chegada do donatário Pereira Coutinho, foi denominado de " Vila do Pereira" o local onde Diogo Caramuru e Catarina Paraguaçu já haviam instalado cerca de 300 cabanas, nas imediações do Porto da Barra. Após a chegada de Tomé de Souza e a consolidação e formalização da Cidade do Salvador na parte alta do território, em 1549, a vila passaria a ser conhecida como " Vila Velha" e serviria como ponto de chegada de mercadorias e abastecimento da cidade.

Página anterior e páginas seguintes. Figuras 1 a 5: cartões-postais do Porto da Barra, Salvador.
Fonte: Museu Tempostal


J. Mello, Editor
Barra (Antigo Forte de Sta. Maria), Bahia (Brazil)
No. 9

ia – Barra

BARRA - BAHIA

Os 04 demais cartões que compõem essa primeira seleção registram o Forte de Santa Maria (construído em 1627) quase na mesma posição. Principalmente nas imagens menos aproximadas ao forte é possível perceber algumas transformações decorrentes do início do século XX. Ainda que sutil, a sequência nos mostra uma mudança na paisagem e nas práticas do espaço da praia ao longo do tempo que corresponde à progressiva reconfiguração e abertura do acesso ao bairro da Barra como um todo. A construção do muro de contenção junto à balaustrada possibilita mais espaço de areia e, junto às obras de circulação viária, a praia vai perdendo o caráter de posto de abastecimento e ancoragem de embarcações para tornar-se um espaço de lazer. É notável a diminuição de barcos à vela e pessoas trabalhando em torno deles em contraposição ao aumento de crianças e adultos se banhando no mar ou sentados na areia[1].

O último cartão, já colorido, traz em primeiro plano a presença de duas baianas de acarajé, sentadas sob a sombra de guarda-sóis, de costas para o mar em um platô no nível da rua. Sem data ou sem qualquer escrito endereçado no anverso deste postal, supomos tratar-se de um retrato dos anos 1970 em diante, quando o segundo período de ascensão dos cartões-postais no país corresponde à emergência de um turismo planejado na Bahia e à divulgação de um imaginário sobre Salvador. Parte da "Coleção Glouster Souza Melo", impresso pela *Gráfica Grauna Ltda*, uma gráfica paulista, o cartão com o título "Praia da Barra c/ Bahianas" nos parece fazer parte de um conjunto maior de grande circulação pelo Brasil. São vários os postais desta mesma gráfica que enquadram paisagens brasileiras das mais diversas, desde Aparecida do Norte, Ubatuba, Campos do Jordão, em São Paulo, à São Luís no Maranhão, Tiradentes em Minas Gerais e Florianópolis em Santa Catarina. Alguns deles com textos endereçados trazem datas do início dos anos 70, o que nos faz apostar que o cartão do Porto da Barra também tenha circulado nessa época.

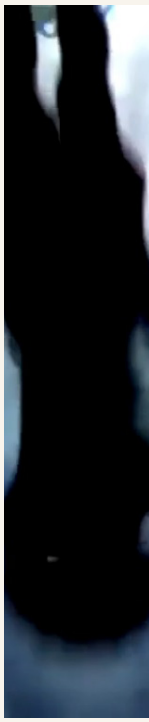


*Ubatuba, 18.12.72*

*Neuza, como eu prometi, mando o seu postal. Aqui em Ubatuba está uma delícia, com muito sol, mil garotos. Neuza te espero dia 23 para a formatura, tá. Aí eu te conto todas as novidades. Menina! A gente paquera cada homem lindo de morrer.*

*Lembranças, Sonia.*

*P.S. Já estou toda descascada, também pareço jacaré, fico o dia todo na praia.*



Páginas seguintes. Figuras 6 a 8: Saltos. Fonte: Frames do filme Trampolim do Forte, 2010

Talvez o enquadramento da paisagem mais fotografado e divulgado do Porto da Barra hoje seja este direcionado ao Forte de Santa Maria e, sobretudo, através de imagens que se aproximam e recortam seu píer. Local destinado aos saltos diários de jovens, são vários os fotógrafos que registram esta dança sobre o pôr-do-sol. É curioso perceber que na construção original do forte não constava este braço linear de pedra que avança hoje sobre o mar, bastante nítido no postal de nome "Barra (Antigo Forte de Sta. Maria), Bahia (Brazil)". Uma fotografia de cerca de 1870, de Guilherme Gaensly, publicada na página do site "Salvador Antiga"[2], mostra a praia do Porto no mesmo ângulo dos 4 cartões-postais sequenciados acima, com o Forte de Santa Maria ao fundo sem o seu píer em pedra, mas com um trapiche de madeira avançando sobre o mar posicionado ao meio da praia e um tanto distante do forte.

" Trampolim" é o nome usual que se dá ao píer, certamente, pela sua nítida função hoje alterada de ponto de apoio das embarcações à palco de acrobacias. Em 2012, Caetano Veloso afirma para o *Jornal O Globo* de 08 de janeiro, em matéria com o título "Ainda cá [A Bahia ainda está viva aqui]"[3], que o filme " Trampolim do Forte" a ser lançado no ano seguinte era "poderoso em sua revelação do quanto pode a Cidade do Salvador". No mesmo texto, o autor, músico e compositor reforça a necessidade de os governantes tratarem o Porto da Barra como "uma preciosidade". Criticando os "idiotas da objetividade" que poderiam questionar a centralização de ações e investimentos em um único ponto da cidade, ele ressalta e elogia a construção narrativa de um "retrato emocionado" do Porto no filme de João Rodrigo Mattos.



O Porto da Barra, nada estereotipado ou glamourizado, é o local onde os personagens Déo e Felizardo passam o dia vendendo picolés e transitando pela marginalidade cotidiana. Saltar ao mar ao fim de cada dia, permite aos meninos encontrar uma outra realidade. É na beira do Forte que eles trocam confidências, olham as estrelas, dormem, sonham e vislumbram um outro amanhã. O trampolim não é somente um limiar entre a dureza do chão construído e a leveza da água, como a passagem do cansaço ao sonho, da melancolia à espera. O filme se inicia com uma briga de um casal na Vila Campos, um beco de construções precárias próximo ao Forte Santa Maria. Déo, ao presenciar a discussão em sua casa entre sua mãe e seu padrasto, corre em direção ao forte e salta. A cena acompanha o passo rápido e aflitivo do garoto, passando de um contexto agressivo e com sons perturbadores para a calmaria da água, o que faz com que Déo esboce um sorriso aliviado.

Com a praia cheia de frequentadores em um dia de sol, uma rádio local pede a atenção de turistas, banhistas e moradores do entorno da Barra e anuncia: " Tadeu, o rei das criancinhas, ataca de novo". A trama se desenvolve entre os crimes de pedofilia e estupro de Tadeu, as vivências cotidianas e paixões de Déo e Felizardo e a religiosidade obsessiva da mãe de Felizardo pelo pastor. Prostituição,

# Na murada do Porto tudo pode acontecer a qualquer momento

JUREMA OLIVEIRA

A murada que circunda a praia do Porto da Barra foi feita para dar maior segurança aos banhistas e também faz parte do programa de reformas da Orla Marítima de Salvador. Mas, além disto ela serve a situações românticas, cômicas, exóticas e divertidas. Só mesmo a chuva não permite a permanência de jovens de todas as idades no local, "pescando" as mais variadas espécies de "peixes".

A partir das 11 da manhã, a murada do Porto da Barra é muito disputada por rapazes e moças, à procura do sol e de aventuras. Muitos se conhecem ou passam a conhecer pessoas interessantes, o que às vezes dá até em casamento. É o caso de Marcos Antônio Catripinni, publicitário desempregado, e Rosa Catripinni, arquiteta. Eles se conheceram justamente na murada do Porto, começaram a conversar, namoraram e acabaram se casando.

O muro protege os banhistas e também serve de descanso

aliciamento de mulheres de programa, tráfico de drogas e corrupção dentro da polícia são algumas das questões levantadas ao longo da trama e que fazem pano de fundo para o que realmente é evidenciado: o salto. Em entrevista, o diretor afirma: "saltar é preciso, viver não é preciso". A precisão das filmagens no momento do salto a fim de retratar a poesia e a beleza desse instante contrastam com o que ele próprio chama de "decupagem nervosa" das cenas em movimento. A câmera tremida acompanhando as crianças correndo e o fundo musical de composição Lourimbau e Roberto Barreto nos dão a sensação de uma cidade frenética e atordoante.



A calmaria do mar ritmando convida as crianças a não esquecerem da coletividade e da potência do encontro e do brincar. Para o diretor: "o Trampolim do Forte é o mágico local onde, através dos saltos, Déo e Felizardo buscam a força necessária para enfrentar a sua dura realidade." Este salto que nos interessa não apenas se restringe à magia e a leveza do encontro destas crianças com a água, na sensação de uma busca aliviante do cotidiano penoso a que estão inseridas, mas à possibilidade deste gesto desenhar um próprio fazer da pesquisa. Assim como nos lembra Didi-Huberman (2015, p. 123), o historiador:

*[...] salta de um objeto de angústia a outro, mas seu próprio salto é o de uma criança. O historiador, segundo Benjamin, é uma criança que brinca com os farrapos do tempo. Uma criança que brinca e que, metodicamente, inventa as condições do seu saber, de sua história. Que tipo de condições? [...] A criança escava, conta e decifra seus trapos. Ali ela adormece sonha e acorda para novos deciframentos.*

Permitir-se ao salto, não a fim de voltar a uma origem primeva, mas no intuito de rearticular o passado, nos dá a liberdade de relacionar fragmentos e imaginações. A aproximação aos arquivos de cartões-postais não almeja reconstruir uma história da orla da Barra, mas talvez iluminar o que ali sobrevive hoje e contribui para a manutenção de um espaço em tensionamento. Como nos lembra Benjamin, em suas teses sobre o conceito de história: "A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento" (2020, p. 11). Articular o passado, portanto, significa reelaborá-lo, fixando ou elencando uma imagem inesperadamente num momento de clarão em que ela surge.

Este salto também parte de um incômodo: o apelo turístico e midiático da orla da Barra e o consequente apagamento de suas práticas. Buscamos nos postais justamente compreender como esse espaço se tornou ao longo do tempo um dos maiores cartões de visita de Salvador ou como a intensificação e divulgação de imagens estereotipadas contribuiriam para a exclusão dos praticantes. As imagens nos dão pistas. Os fragmentos que aproximamos endossam a nossa narrativa. Queremos afirmar ainda, assim como na notícia da *Tribuna da Bahia* de 13 de agosto de 1987, que na murada do Porto tudo pode acontecer.



***

Essa menina é só de brincadeira
Só dá bandeira, só dá bandeira
Seja na Amaralina ou na Ribeira
Ela só dá bandeira,
Ela só dá bandeira
Domingo no porto da barra pesada
Ela sempre agrada ao gosto e ao olhar
Domingo no porto da barra limpa
Todo mundo brinca entre ela e o mar
Domingo no porto da barra
Todo mundo agarra mas não pode amar

*Qual é, baiana?*
Caetano Veloso, 1977

***

É noite de lua cheia.
Maré alta
Domingo é meia
"Mas vem cá, cadê o Sofá?"[4]

## NOTAS / REFERÊNCIAS

[1] Banhar-se no mar, no século XIX, estava relacionado principalmente a tratamentos terapêuticos de algumas determinadas doenças. "As conquistas sociais e o progresso técnico, desde finais do séc. XIX até a atualidade possibilitaram e estão na base da redução das jornadas de trabalho e a incorporação do 'recrear-se' como condição de reprodução da força física e psicológica do trabalhador [...]." (Souza, 2014, p. 62). Com isso, sobretudo após a Segunda-Guerra, dá-se ênfase ao lazer, originando o turismo de massa e impulsionado o uso da praia para fins recreativos.

[2] Ver em <http://www.salvador-antiga.com/barra/porto-gaensly.htm>. Acesso em: 03 de fev. 2023.

[3] Ver em <https://caetanoendetalle.blogspot.com/2018/01/2012-ainda-ca-bahia-ainda-esta-viva-aqui.html>. Acesso em: 03 de fev. 2023.

[4] Trecho retirado de nosso caderno de campo. Sofá da Hebe é um encontro entre jovens LGBTQI+ que acontece todos os domingos ao entardecer na balaustrada do Porto da Barra próximo ao Instituto Mauá.

/


BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DIDI-HUBERM AN, Georges. Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

PEREIRA, Margareth da Silva. Gestos urbanos: pensar o tempo. In: JACQUES, P.; BRITTO, F. (org.). Corpocidade: gestos urbanos. Salvador: Edufba, 2017, p. 150-171.

PESSÔA, Yumara. O mar como testemunha: a modernização do bairro da Barra (1850 - 1950). 2017 Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura,Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, Luiz Antonio de. O urbanismo na interface do turismo: uso e apropriações especulativas do litoral da Bahia. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

VENTURA, Luzia M. Matos. Museu Tempostal: uma viagem no tempo. Postais: Revista do Museu Correios, Brasília, ano 2, n.3, p. 253 – 271, jul./dez. 2014.



PARA CITAR:
IZELI, R. Saltar é preciso: pequena coleção de imagens e pensamentos, Porto da Barra, Salvador. Redobra, n.17, ano 8, p. 221-233, 2023.